

FELIX DE AVELLAR BROTÉRO — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Flora

O retrato que reproduzimos hoje é o de um varão esclarecido, que honrou a sciencia e a patria. Sem dever nada ao favor dos principes, só com o proprio trabalho illustrou o nome, e mostrou ao mundo civilisado que o genio portuguez, abatido pelos revezes da sorte, se não, principalmente, pelos erros dos governos, conservára ainda soterrada nas cinzas uma centelha do antigo fogo, que qualquer sopro de circunstancias favoraveis fazia atear e resplandecer.

Felix de Avellar Brotéro nasceu a tres legoas de Lisboa na freguezia de Santo Antão do Tojal, em 25 de novembro 1744, sendo seus paes o doutor José da Silva e Avellar, e D. Maria René da Encarnação. A primeira educação litteraria recebeu-a no collegio dos religiosos arrabidos da villa de Mafra, e desde mui verdes annos começou a revelar o alcance da sua intelligencia, e pronunciada vocação para o estudo.

N'aquelle tempo as sciencias eram como estrangeiras entre nós. Os jesuitas, que tinham conquistado a supremacia intellectual, comprimiam tudo com damnada e reservada tenção. Nas antigualhas do direito romano e canonico, e nos aphorismos dos medicos Avicenna e Galeno, se resumiam todas as sciencias. Brotéro teve por isso de deixar-se conduzir por essa torrente, e começou pelas subtilezas do direito canonico. Falto, porém, de recursos, não pôde passar além do terceiro anno d'esse curso. Ordenado de diácono, obteve uma capellania na Sé patriarchal, e por ventura alcançaria logo mais elevada posição na hierarchia ecclesiastica, se lhe soprasse o regio favor.

Com a reforma da universidade deixára Brotéro os canones, e preparára-se para a vida clerical, em que pouquissimas vantagens alcançou. Talvez que por isso nem mesmo o seu nome podéramos commemorar, se não fosse a perseguição que a inquisição lhe moveu, e o obrigou em 1778 a expatriar-se, refugindo e fixando-se no coração da civilisação moderna, que já então era a capital da França.

Todas as suas forças se concentraram alli no estudo das sciencias naturaes, e principalmente da botanica, para a qual uma inclinação subita o pareceu predestinar. Discipulo dos celebres Vig d'Azyn e de Aubenton, ouviu tambem as eloquentes revelações de Buffon, Jussieu e Condorset, tornando-se digno de tão sabios mestres, e de tão famosos prelectores. Logo dez annos depois da sua residencia na moderna Mamphis, mostrou o resultado do seu estudo no ramo predilecto, publicando em 1788 o *Compendio de botanica ou noções elementares d'esta sciencia,* que dedicou ao seu protector e amigo D. Vicente de Sousa Coutinho, senhor de Alva e embaixador portuguez na corte de Versalhes. D'ella diz algures o nosso escriptor contemporaneo dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, que — « é obra bem escripta, modelo de estilo didactico, a primeira e unica d'este genero que temos em vulgar. Seu *Discurso preliminar sobre a origem, progresso, e estado actual da botanica,* rico de instrucção variada, mereceu os elogios de Link, botanico allemão, sempre severo, e não poucas vezes desfavoravel avaliador das nossas cousas; e em nosso conceito valeria por si só a immortalisar o nome do seu auctor. »

Para não ficar com o estudo da natureza incompleto, e abrir novo e mais vasto campo á investiga-

ção e exercicio da sua vigorosa intelligencia, Brotéro, talvez attrahido pelas numerosas e variadas curiosidades mineralogicas que cercam Rheims, preferiu esta antiquissima cidade para n'ella estudar medicina, e lá recebeu effectivamente o grão de doutor.

Depois de doze annos de residencia em França, o marquez de Vallada, D. Francisco de Menezes da Silveira e Castro, que alli fôra um dos amigos mais valedores de Brotéro, concorreu para o restituir á patria, na primavera de 1790. A fama já europea da sciencia, e sobre tudo dos profundos conhecimentos botanicos do sabio portuguez, captou a attenção da rainha D. Maria I, que persistia no empenho de sustentar a obra, para então gloriosa, da reforma dos estudos, levantada no reinado de seu pae; e Brotéro foi escolhido, como professor dignissimo, para reger a cadeira de botanica e agricultura, e inspeccionar as obras do começado jardim botanico, na universidade de Coimbra. Encorporado na faculdade de philosophia em 25 de Fevereiro 1791, para poder exercer o magisterio se lhe conferiu gratuitamente, e por mercê especial, o capello doutoral na mesma faculdade. Para se fazer idéa do zelo e diligencia do novo professor baste saber-se, que mal eram passados dois annos, e já publicava os seus *Principios de agricultura philosophica*.

Em vinte annos, que na universidade desempenhou o difficil mas honroso cargo de mestre, poderam os discipulos, que o veneravam, não só beber n'aquelle manancial vastissimos conhecimentos theoricos, mas tambem receber a fecundação do estudo pratico da botanica, em que Brotéro os exercitava em frequentes passeios de herborisação, pelos formosissimos arredores da cidade de D. Sisnando.

No pouco descanço que as ferias universitarias lhe consentiam peregrinava pelas provincias, á cata de raridades botanicas ainda desconhecidas ou mal observadas. As tentativas que antes de Brotéro se tinham feito na Flora de Portugal, esta *terra felicissima* esta *India européa*, segundo a expressão do celebre e poetico Linneu, tinham sido quasi insignificantes nos resultados. A obra de Grysley era miseravel. Tournefort, que viajou em Portugal, poucas plantas menciona, e essas sem descripção nem desenho. Domingos Vandelli fraca obra fizera em 1788. Foi Brotéro que satisfez aos desejos do grande naturalista sueco, e preencheu tamanha lacuna na historia de tão importante ramo da sciencia, publicando em 1804 a *Flora de Portugal*.

Por decreto de 16 de agosto 1811 jubilou, com as honras e vantagens a que lhe dava direito o esplendor com que exercêra o professorado. Depois o principe regente o nomeou director do jardim botanico da Ajuda. Sem descançar á sombra dos primeiros immarcessiveis louros, publicou em 1816 o primeiro volume da *Phitografia Lusitanæ* (de que o segundo tomo saiu em 1827) obra grandiosa não só pelo desempenho do assumpto, mas tambem pela execução typographica e esmêro das gravuras.

Brotéro escreveu avultado numero de memorias, e tambem traduziu algumas obras scientificas. Das memorias umas foram impressas por conta do governo, e as que remetteu á sociedade linneana de Londres, de que era membro, estão nas suas actas. Tambem escreveu outras para satisfazer ao encargo de varias academias, a que egualmente pertencia, como a real das sciencias de Lisboa, a de Turim, a cezaréa dos curiosos da natureza de Bonna, etc.

Além dos trabalhos publicados por Brotéro, e já aqui referidos, aos quaes bem se póde dar o nome de classicos, tambem são d'elle um *Diccionario Inglez-Portuguez*, que publicou em Paris— a nomenclatura zoologica do *Quadro elementar da historia natural dos animaes* por Cuvier (Londres 1815)— a *Historia natural dos Pinheiros e Abetos* (Lisboa 1817)— a nomenclatura do *Thesouro de meninos* de Blanchart (Lisboa 1817)— o *Catalogo das plantas do jardim botanico da Ajuda*, publicado no jornal da sociedade pharmaceutica lusitana, etc. O nosso academico amador de livros, Manoel Bernardo Lopes Fernandes, possue um Catalogo completo das suas obras. Brotéro tambem foi poeta, o que ainda nehum dos seus biographos disse. Ha d'elle versos latinos, que são qualificados de excellentes.

Eleito deputado ás cortes constituintes de 1821, a sua edade, a sua vocação e natureza dos seus estudos o fizeram declinar a honra d'aquelle merecido suffragio, e por isso não chegou a tomar parte nos trabalhos do congresso.

Se a sciencia lhe não poupou distincções, porque fazia parte das principaes academias e corporações scientificas da Europa, a coroa portugueza não teve mais do que o grão de cavalleiro da ordem de S. Bento d'Avis, e um beneficio simples da mesma ordem na collegiada de Santa Maria de Beja, para dar ao homem que merecia e gozava de tão elevada consideração.

Pelas tres horas da manhã de 4 d'agosto de 1828 falleceu em Alcolena, no sitio de Belem, com quasi 84 annos de edade, aquelle que com justo titulo tem sido chamado o Linneu portuguez. Foi enterrado no extincto convento de S. José de Ribamar. Depois da profanação d'esta casa religiosa, quem póde dizer-nos o destino que seus ossos tiveram?

Ha poucos annos é que a sua numerosa livraria foi vendida em leilão. Afóra algumas obras compradas por um francez, tudo o mais foi arrematado em globo por um commissario do nuncio apostolico Di Pietro.

Que nos conste, de Brotéro não sobrevive outro parente proximo senão o padre José do Avellar Rebello, beneficiado aposentado da egreja patriarchal, que é seu sobrinho, e mora em Lisboa na rua de S. Filippe Nery.

VIDA DE LORD BYRON

POR MOORE.

(*Estudo critico por Mecaulay*).

III.

(Conclusão).

Póde-se affoutamente affirmar que lord Byron nunca póde conceber senão um unico typo de homem e um unico typo de mulher; o homem, altivo, caprichoso, cynico, com a desconfiança impressa na fronte, com o infortunio occulto no coração, escarnecendo da sociedade, implacavel na vingança, podendo comtudo sentir uma affeição forte e profunda: a mulher, toda doçura e gentileza, gostando de fazer caricias e de recebel-as, porém capaz de ser transformada pela paixão n'uma fera indomavel.

Estes dois caracteres sempre, e unicamente estes dois, não podem ser desenvolvidos dramaticamente. Apresentava-os, portanto, não á maneira de Shakspeare, mas segundo o estilo de Clarendon. Analysava-os: fazia com que se analysassem a si mesmo: mas não nol-os fazia conhecer pelas suas proprias acções. Conta-nos, por exemplo, em muitos versos de grande energia e espirito, que os discursos de Lara eram amargamente sarcasticos, que elle fallava pouco das suas viagens, que quando o interrogavam ácerca d'ellas, as suas respostas tornavam-se curtas, e o seu semblante sombrio. Porém nunca ouvimos os discursos sarcasticos ou as curtas respostas de Lara. Não é assim que os grandes mestres da natu-

reza humana nos retrataram entes humanos. Homero nunca nos conta que Nestor se comprazia em narrar longas historias sobre a sua mocidade. Shakspeare não nos diz que na mente de Iago as cousas bellas e aprazíveis estavam associadas sempre com alguma idéa abjecta e impura.

É curioso observar a tendencia que tem sempre o dialogo de lord Byron para perder a sua condição de dialogo, tornando-se um soliquio. As scenas que se passam entre Manfredo e o caçador de cabras-montezes, entre Manfredo e o feiticeiro dos Alpes, entre Manfredo e o abbade, são provas do que affirmâmos. Manfredo, depois de algumas fallas pouco importantes, apodera-se exclusivamente da palavra. Os outros interlocutores tornam-se apenas excellentes ouvintes. Elles fazem de vez em quando uma pergunta ou uma exclamação que obrigam Manfredo a entrar outra vez no thema inexhaurivel dos seus sentimentos individuaes.

Se examinarmos as mais formosas passagens dos dramas de lord Byron, a descripção de Roma, por exemplo, no Manfredo, a descripção de uma noite de festa veneziana no Marino Faliero, a invectiva derradeira que o velho doge profere contra Veneza, acharemos que nada ha de dramatico n'estas fallas, que ellas obtem o effeito que produzem do caracter ou situação do interlocutor, e que poderiam tornar-se tão bellas, mais bellas ainda, se fossem publicadas por lord Byron como fragmentos de versos brancos. Haverá difficilmente um trecho em Shakspeare, de que possamos dizer o mesmo. Nenhum leitor perspicaz dos dramas de Shakspeare póde supportar o ver baptizar as mais bellas cousas extrahidas das suas obras com o titulo de «Beauties» ou «Elegants Extracts» ou ouvir algumas destacadas passagens como por exemplo «To be or not to be» apresentadas como uma amostra do grande poeta. «To be or not to be» tem certamente um merito elevado como composição litteraria. Poderia ter merito posto na bocca de um côro. Porém o seu merito relativo desvanece-se, quando comparado com o merito que tem como pertencendo ao personagem de Hamlet. Não será ousadia o dizer que os grandes dramas de Shakspeare perdem menos sendo privados de todas as passagens que geralmente se denominam as mais bellas, do que essas passagens perdem sendo separadas do drama. Este é por ventura o mais alto louvor que se póde conceder a um homem que escreve para o theatro.

De outro lado, póde-se duvidar que haja, em todos os dramas de lord Byron, um unico trecho notavel que demonstre estar em harmonia com os caracteres ou com a acção. Escreveu unicamente uma scena, se a memoria nos não engana, que é dramatica até no estilo, a scena entre Lucifer e Caim. A discussão é animada, e cada um dos interlocutores toma para si uma boa parte d'ella. Porém esta scena, bem analysada, vem confirmar as nossas observações. É apenas um dialogo na fórma; mas na essencia fica sendo um monologo. É na realidade um debate sustentado por um só espirito sceptico e turbulento. As perguntas e as respostas, as objecções e as soluções, tudo pertence ao mesmo caracter.

Um escriptor que mostrava tão pouca pericia dramatica em composições propriamente dramaticas, era provavel que não escrevesse com effeito dramatico. Nada póde haver mais informe e negligente do que a estructura dos seus poemas narrativos. Parece haver pensado, com o heroe de Rehearsal, que o enredo não é bom para outra cousa senão para fazer dizer bonitas cousas. As suas duas obras mais longas, Child-Harold e Don Juan, não tem plano de nenhuma especie. Qualquer d'ellas póde ser levada até onde se quizer ou ser cortada em qualquer sitio, que nos convenha. O modo por que o Giaour é concebido manifesta-nos o segredo com que Byron construia os seus poemas. São todos, como o Giaour, reuniões de fragmentos: e ainda que os espaços vasios estejam marcados por asteriscos, é facil perceber pela pouca arte com que estão ligados, os trechos que o poeta preferia e pelos quaes o todo fôra composto com principio e fim.

Era na descripção e na meditação que Byron primava. «A descripção como elle diz no D. Juan, era o seu forte.» O estilo dos seus poemas é certamente original, e quasi inimitavel: rapido, fugitivo, porém cheio de vigor: as imagens são felizes: os rasgos sobrios e incisivos. Sem embargo da veneração de que nos sentimos possuidos pelo genio de mr. Wordsworth, não podêmos deixar de reconhecer que a minuciosidade das suas descripções frequentemente prejudica o effeito que ellas poderiam produzir. Está acostumado a contemplar a natureza com o olho de um amante extremoso; a demorar-se em cada lineamento, a fixar na memoria qualquer mudança que modifique o seu aspecto. Aquellas bellezas que ferem um observador, embora negligente, e as que só se patenteam á uma attenção cuidadosa, são-lhe egualmente familiares, e torna-as do mesmo modo salientes na sua poesia. O proverbio do velho Hesiodo, quando diz, que a parte é frequentemente maior do que o todo, é eminentemente applicavel á descripção. A politica da Hollanda, quando decepava as preciosas arvores de especiaria, com o intuito de augmentar o valor das que ficavam, é uma politica que aos poetas cumpria imitar. É politica que ninguem entendeu melhor do que Byron. Quaesquer que fossem os seus defeitos, elle nunca foi, em quanto a sua intelligencia conservou o mesmo vigor, accusado de ser prolixo.

As suas descripções, apesar do seu grande merito intrinseco, alcançam o seu verdadeiro attractivo pelo sentimento que lhes anda sempre ligado. Elle era o principio, o meio, e o fim de toda a poesia quo escrevia, o heroe de cada um dos seus contos, o principal objecto que apparecia em cada uma das paisagens. Harold, Lara, Manfredo, o maior numero dos seus caracteres, eram geralmente considerados como os transparentes incognitos que dissimulavam a pessoa de lord Byron: e ha toda a razão para acreditar que assim deviam ser considerados. As maravilhas do mundo exterior, o Tejo, com as poderosas armadas de Inglaterra navegando no seu seio, as torres de Cintra surgindo do centro das florestas de asinheiros e chorões, os luzentes marmores de Pentelicos, as margens do Rheno, os montes de gelo de Clarens, o ameno lago de Leman, o valle profundo de Egeria, as ruinas informes de Roma vestidas de hera e de goivos, as estrellas, o mar, as montanhas, tudo eram meros accessorios, o claro-escuro que fazia realçar um unico vulto sombrio e melancolico.

Nunca houve escriptor que possuisse em grão mais subido toda a eloquencia do desprêzo, da misanthropia, e do desespêro. Aquelle rio nunca seccava. Nenhuma arte podia adoçar, nenhuns rasgos podiam exhaurir estas aguas perennes de amargura. Tal variedade na monotonia só se encontra nos escriptos de Byron. Desde o riso da loucura até á plangente lamentação, não havia uma só nota na angustia humana que elle não empregasse com mão de mestre. Anno após anno, e mez após mez, Byron não cessava de repetir: que ser desditoso é o destino de todos os homens: que ser eminentemente desditoso é o destino sobre tudo dos entes superiores: que todos os desejos que nós temos nos conduzem do mesmo modo ao infortunio: se não são satisfeitos, ao infortunio da decepção, e se são satisfeitos, ao infortunio da saciedade. Os seus heroes são sempre homens que

chegaram, por differentes caminhos, ao mesmo termo de desespêro, que estão descontentes da vida, em guerra com a sociedade, que são apenas alentados na sua angustia por aquelle orgulho indomavel, similhante ao de Prometheo no rochedo, ou ao de Satanaz no profundo abysmo, podendo dominar as suas agonias pela força da sua vontade, e que até ao fim, offrontam todo o poder do ceo, e da terra. Elle sempre se descreve a si como um homem da mesma indole do que a das suas creações favoritas, um homem cujo coração existe sêcco e mirrado, para quem a felicidade é uma palavra sem sentido, porém cujo invencivel espirito arrosta tudo quanto lhe possa sobrevir no presente ou no futuro. O que havia n'estes lugubres sentimentos derivado de uma doença original do entendimento, o que havia de verdadeiro padecer, o que havia d'essa irritabilidade nervosa, que a dissipação promove, o que era imaginario, e o que era meramente affectado, é impossivel a nós, e provavelmente teria sido do mesmo modo impossivel aos mais intimos amigos de Byron, descriminar devidamente. Póde haver duvida em suppor se alguma vez existiu, ou possa existir ainda um ente humano, cuja existencia se conforme com a descripção que Byron fez de si mesmo; mas que elle não era esse ente, isso não admitte discussão. É ridiculo imaginar que um homem, cujo espirito estava repleto de desprêzo pelos seus similhantes, publicasse tres ou quatro livros annualmente com o unico intuito de lh'o participar: que homem poderia dizer com verdade que nunca havia procurado as sympathias, nem carecia d'ellas quando convocava toda a Europa a ouvir o adeus que dizia a sua mulher, e a benção que dava a sua filha? No segundo canto de Child-Harold, Byron declara-nos que é insensivel ao louvor e ao vituperio.

« Ill may such contest now the spirit move,
Which heeds, nor keen reproof partial praise. » (1)

E todavia sabemos com mathematica evidencia que um dia ou dois antes de haver dado á luz estes versos, estava altamente, e puerilmente tambem, ensoberbecido pelos comprimentos que recebêra no primeiro discurso que proferíra na Casa dos Lords.

Estamos longe, comtudo, de pensar que a sua melancolia fosse totalmente simulada. A natureza deralhe grande sensibilidade: havia sido mal educado: os seus sentimentos tinham sido cedo expostos a violentas provas: fôra contrariado no seu amor juvenil: mortificára-se pelo pouco exito das suas primeiras tentativas litterarias: estivera em difficeis circunstancias de fortuna: fôra infeliz nas suas relações domesticas: o publico tratára-o com cruel injustiça: a sua saude e espirito estavam debilitados pelos habitos de uma vida dissipada; era, a final, um homem desditoso. Elle cedo conheceu que, fazendo ostentação dos seus infortunios diante do publico, produzia uma sensação immensa. O mundo animava-o por todo o modo a revelar os padecimentos que devoravam a sua alma. O interesse que as suas primeiras confissões excitaram levaram-no a exaggerar aquillo que realmente sentia: e esta affectação exacerbou, pela reacção, os seus proprios sentimentos. O que havia no caracter com que elle se produzia de genuino, e o que havia de theatral, eis o que o proprio Byron provavelmente teria difficuldade em nos dizer.

Não se póde duvidar que este homem notavel deveu a vasta influencia que possuia sobre os seus contemporaneos não menos ao seu funebre egotismo, do que aos encantos da sua poesia. Nunca pude comprehender qual fosse o motivo por que o egotismo, sendo tão pouco popular na conversação, se torna popular nos livros: e por que é tambem que os individuos que ostentam nas suas composições qualidades e sentimentos que elles não conhecem em si, seduzem mais facilmente os seus contemporaneos do que a posteridade. A commoção que os amores de Petrarca promoveram no seu proprio tempo, e a piedosa ternura com que metade da Europa olhava Rousseau, são bem conhecidos. Para os leitores da nossa epocha, o amor de Petrarca parece ter sido da natureza d'aquelles que não costumam devorar o coração: e os soffrimentos de Rousseau causam riso em vez de piedade, porque eram em parte fingidos, e em parte uma consequencia da sua propria depravação e vaidade.

Não pretendemos fazer conjecturas sobre o que hão de pensar os nossos netos do caracter de lord Byron, como elle se nos revela nas poesias que deixou. É certo, que o alvoroço que elle produziu não encontra parallelo na historia litteraria. A opinião que os leitores mancebos de poesia tinham a seu respeito só póde ser comprehendida pelos que a partilharam. Para as pessoas que ignoram o que são verdadeiras calamidades « nada ha tão suave e delicado como essa amavel melancolia. » A languida imagem da tristeza teve sempre o condão, em todas as epochas, de alimentar as illusões dos mancebos. Os homens velhos, ou ainda os homens de meia-edade, tem em geral tantos motivos de desgosto, que poucas vezes se decidem a tornar-se voluntariamente melancolicos. Falta-lhes ás vezes tanto o poder, como a vontade. Nós conhecemos poucas pessoas, entregues aos cuidados de uma vida laboriosa e activa, que, procurando espontaneamente impressões de melancolia, possam nunca gozar aquillo que os experimentados denominam « os extasis da amargura. »

Para a numerosa classe de mancebos, cuja leitura é quasi inteiramente dedicada ás obras de imaginação, a popularidade de lord Byron não tinha limites. Compravam retratos d'elle; conservavam, como reliquias, os mais insignificantes objectos que lhe houvessem pertencido: sabiam os seus poemas de côr, e suppunham que nada havia de melhor n'este mundo do que escrever como elle, e assimilhar-se a elle. Muitos d'elles collocavam-se defronte do espelho, com a esperança de reproduzir o movimento desdenhoso do seu labio superior, e o carregado das sobrancelhas, que se notam n'alguns dos seus retratos. Outros não usavam de gravata para se parecerem com o seu grande idolo. Durante muitos annos a imprensa de Minerva não produziu novella sem um mysterioso, infeliz, e taciturno Lara. O numero de esperançosos bachareis e estudantes de medicina que se transformaram em creaturas absorvidas em sombrias chymeras, com o coração dilacerado por vagos tormentos, reduzidos a cinzas pelo ardor de paixões impetuosas, e a quem o allivio das lagrimas estava para sempre vedado, excede todos os calculos.

Isto não foi ainda o peior. Creou-se na mente de muitos d'estes enthusiastas uma perniciosa e absurda associação entre o poder intellectual, e a depravação moral. Com a poesia de lord Byron fundaram um systema de philosophia, mixto de misanthropia e voluptuosidade, systema, no qual os dois grandes mandamentos eram, odiar o nosso proximo, e amar a mulher do nosso proximo. Esta affectação passou felizmente; e poucos annos mais hão de anniquilar de todo os vestigios d'aquelle magico poder que pertenceu algum dia ao nome de Byron. Para a nossa geração é ainda um homem, moço, illustre, e infeliz: para os nossos filhos será meramente um escriptor, e o seu imparcial juizo lhe concederá o logar que lhe pertence entre os escriptores, sem attenção á sua gerarchia, ou aos successos da sua vida privada.

(1) Tal contenda mal póde agora commover o espirito, que não attende nem á pungente reprovação, nem ao louvor parcial.

Nós temos a convicção de que a sua poesia ha de experimentar, no futuro, um severo inquerito, e que uma parte d'aquillo que os seus contemporaneos tanto admiraram, será rejeitado pelo seu escasso merito. Porém estamos tambem convencidos que, depois de concluido este processo, ficarão ainda um grande numero de cousas, que sómente poderão morrer com a lingua ingleza.

L. de M.

A CIDADE DE POLA DEPOIS DO ULTIMO TERREMOTO.

De todos os accidentes a que está exposta a especie humana um dos mais terriveis, e mais frequentes, mórmente em determinadas paragens, são os terremotos ou tremores de terra.

Póde bem dizer-se que não ha na natureza mais cruel inimigo dos homens; o que elles só conseguem edificar á custa de laboriosos esforços, o que levou, ás vezes seculos o fabricar e concluir, um abalo da terra o destroe em poucos minutos, inutilisando os esforços de muitas gerações.

Infelizmente na nossa peninsula estes phenomenos são frequentes; raros annos se passam sem que sejamos sobresaltados por tremores mais ou menos violentos; e ainda hoje, mais é passado um seculo, nos apavora e entristece a recordação da horrorosa catastrophe que destruiu grande parte de Lisboa, causando tambem consideraveis estragos em muitas outras povoações do reino.

De todos os paizes da Europa é porém a Italia o mais sujeito a estes horriveis accidentes; e o terre-



A cidade de Pola depois do ultimo terremoto — Gravura de Coelho Junior.

moto que teve logar em 16 de dezembro de 1857 foi talvez dos mais violentos de que alli se conserva memoria.

Toda a provincia de Basilicata, uma das quinze continentaes do reino de Napoles, situada entre a Capitanata, a Calabria citerior, a Terra de Bari, e os principados ulterior e citerior, soffreu mais ou menos.

Muitas povoações ou foram totalmente destruidas, ou ficaram em lamentoso estado; a gazeta official do reino das duas Sicilias declarou que não menos de cem cidades, villas e aldeias tinham experimentado os effeitos do temeroso phenomeno, avaliando-se no mesmo jornal o numero de mortos em cêrca de 30:000.

Uma das povoações mais importantes, destruida pelo ultimo terremoto, foi Pola.

Pola era uma bonita cidade, agradavelmente situada sobre o Tanaro ou Negro; havia alli bastante vida e animação; e seus 7:000 habitantes, se não viviam na opulencia, gozavam ao menos de uma honesta mediania, desconhecendo quasi que absolutamente a miseria que afflige as grandes capitaes. Pola é hoje uma vasta ruina, e uma parte das suas habitações subterrou-se nas fendas que a terra abriu em differentes pontos e de que ainda hoje se conservam vestigios.

Auletta, Caggiano, Pertosa, Canoa, Cavello, Rionesо, e muitos outros logares tiveram quasi a mesma sorte.

Por toda a parte se observa quão tremendo foi o abalo; e de certo será mister grande zelo e diligencia para remediar ou attenuar as consequencias de uma tão grande desgraça.

A nossa gravura dá uma remota idéa do miseravel estado a que ficou reduzida a infeliz cidade de Pola.

P.

O ERMITÃO.

I.

Ha muitos seculos que isto foi.

Foi em tempos de torneios e conquistas; foi em tempos de menestreis e amores.

Ao guerreiro destemido tão propriamente cabia a temida lança, que sopesava em renhidas pelejas, como o mavioso alaúde d'onde suspirava harmonias em louvor da gentil dama, cujos encantos lhe traziam a alma captiva. — Eil-o ahi voando sobre o seu corcel de batalha, acudindo ao desafio da bellica tuba; eil-o acolá atravessando a liça, disposto a expirar ás mãos d'um antagonista, que arrogante lhe contesta a peregrina formosura da sua amada; eil-o aqui conchegando ao peito um laço de mui aprazivel recordação, em quanto com os olhos estacados e cubiçosos fita, todo enlevado em amor, a janella d'aquella torrinha, onde lhe acena um vulto branco e de gesto apaixonado: e a lua, ora filtrando-se por entre os tenues gazes d'uma nuvem fugitiva, ora rolando magestosa e desassombrada empresta-lhe fulgor e prestigios, como a um ente divino imaginado em sonhos; e a donzella requestada, cedendo á sua ternura, ao escutar-lhe as sentidissimas endeixas, como partindo atraz da sua alma, desce ao valle, toda tremula e com andar incerto, para o alentar com uma esperança, para lhe cravar um beijo na testa varonil e altiva.

Foi em tempos de esforço e dedicação; foi em tempos que, por infelicidade do poeta, não voltam mais!

Foi em tempos de exaltação e heroicidades; foi n'essa *edade aventurosa*, que para esta em que vivemos, tão dominada pelo calculo e sybaritismo, está na mesma relação, que uma das mais famosas epopeias para um programma de pelotiqueiros.

II.

Mouros e encantos não faltavam então n'esta terra bem fadada.

Palacios de jaspe, torres de marmore, salões forrados de prata e joias, camaras vestidas de brocado, banhos e prados, escadarias e zimborios, laranjaes odoriferos e ruidosas cascatas, não faltavam aqui.

E todos estes portentos, toda esta opulencia quem a trouxera a Portugal?

III.

No anno 92 da hegira, correspondente ao 710 da nossa era, e reinando o califa Walid, um conde traidor, chamado Julião, irritado pela violencia, que do rei Rodrigo soffrêra sua filha, abriu as portas da fertilissima Hespanha, á cubiça e fanatismo dos povos d'além do estreito. Musa-ben-Noseir, emir da Africa septentrional, acceitou ancioso o convite, e enviou para tal expedição a Tarik-ben-Zeyad, seu logar-tenente, que seguido por cardumes de berberes ferozes e arrebatados, qual catadupa precipitada, caiu e alagou o torrão, onde conseguiu firmar o estandarte do propheta.

Rodrigo, soldado animoso, usurpador feliz, atraiçoado por Julião e Oppas, foi repellido; e como prófugo, corria fama, que terminára seus dias envolto em burel de eremita.

Assim baqueou o throno dos godos; assim por entre as trevas da ignorancia e deshumanidade, como testimunha impropria, se eclipsou a cruz; e leis novas, novos usos e religião nova se impozeram; e o crescente subiu vaidoso e radiante a alumiar a vastidão da nossa peninsula, á maneira de facho de exterminio e carnificina, para ser um dia apagado pelo tufão irresistivel, que soprasse lá das cumiadas das Asturias.

Não anticipemos.

IV.

A misera Hespanha recebêra pois a golinha de escrava das mãos d'aquelles que, para lá do estreito, trajando branco *albernó*, solto ao vento, precorre infinitos areaes, sob um sol abrazador, cavalgando fogoso ginete, atraz d'uma vingança ou d'um amor.

Ao africano tudo cedia; Musa veiu completar a conquista; o seu exercito era rio caudal, turbilhão, incendio, porque na alma de cada combatente ardia ambição e crença.

Ao godo o que restava já?

Um abrigo nas cavernas das Asturias, e um chefe, Pelayo.

V.

Comtudo, como seja impossivel rudeza e ferocidade no habitante das Hespanhas, ameigado pela fertilidade e riqueza da sua conquista, amaciado pela doçura e attractivos d'este clima risonho e suave, o sectario do islam policiou-se, amolleceu, e trocou em breve a cimitarra triumphante pelos coxins perfumados e cantares das odaliscas, que, espiando-o por entre as douradas reixas do seu harem, com olhares ardentes e meigos, lhe embalavam o espirito em voluptuosidade e delicias, quando por ventura o viam passeando languidamente pelo odorifero jardim, onde o terreno parecia esmerar-se em cuspir tão variadas flores, onde o marmore ostentava tão trabalhados portentos, e maravilhas d'arte.

Para esse imperio, porém, já Deus destinára uma hora de quéda e ruina: tanta grandeza já estava sentenciada a fundir-se em pó.

Assim como a flor, que se vê desdenhada, quando em botão é colhida pelos dedos mimosos da virgem, no momento em que mais viçosa e ufana desabrocha a olhar para o sol, e acaba por murchar sobre um seio alvo e assetinado, que, apesar de tão formoso, lhe cubiçou a formosura:

Assim vive e morre um imperio; alguns seculos de augmento e poderio, depois aviltamentos e um logar na historia, se isso mesmo lhe não for disputado pelos invejosos da sua gloria passada!

E Rodrigo?

VI.

..... *Como prófugo corria fama, que terminára seus dias envolto em o burel de eremita.*

....

Era ao cair da tarde.

A briza tepida e perfumada deslizava em ondas por cima da relva, em quanto ousada balouçava mansamente os carvalhos e salgueiros que orlavam o riacho, que escorregava pelo declive suas aguas de anil e prata.

E lá nas abas do horisonte afogueado, o sol por detraz n'um outeiro espadanava seus raios, tingindo de ouro e purpura as summidades d'aquella torre afastada, e abrazando as duas nuvemsinhas, que, como saudosas, a custo se arrastavam pelo ceo azul.

E essa torre dourada, perdida entre escuros pinheiraes, esse prado, tão verdejante, passeado pelas estiradas sombras do crepusculo, como infundiam na alma um doce enlevo e aprazivel tristeza!

Ha prazeres que exigem companhia, bulicio, embriaguez sensual; ha outros que não pedem mais que a nossa alma; taes são os prazeres ternos, sublimes e intimos, como os que em nós despertam os quadros da natureza. O extasis não se partilha; o sonhar do coração não se explica, nem se força; os arrobos da imaginação não se saboream, senão quando adormecemos esquecidos do mundo no seio da meditação.

O sol dizia ao dia o ultimo adeus, tão triste e prezado, como o derradeiro vislumbre de vida no ente

querido, que vae ser cadaver. Seu resplendor apagou-se; todo o poente desmaiou, e aquella côr de perola-rosa desvaneceu-se no azul escuro da noite.

Quem é o ermitão, que, prostrado e de mãos cruzadas, tão fervorosamente reza ao pé da cruz erguida sobre um pedestal de pedras e musgo?

Quem é o mancebo de cabello annelado e negro, de labios contrahidos, e olhar ardente, que com tanto amor contempla o velho, lá na ombreira do eremiterio?

VII.

Eu venero o ancião.

Com um pé sobre o tumulo, que o convida ao descanço, com os olhos fitos no ceo, sua unica esperança, crendo a todo o instante ouvir a voz de Deus, que o chama; gasto pelos desenganos, flagellado por mil angustias, desterrado do mundo, morto para a saudade, é quasi um deus, que, se ainda participa da vida, já vive da eternidade: as cãs que lhe coroam a calva, arripiadas pela viração, a barba densa e pratêada, descendo-lhe em fartos anneis até á cintura, parece comporem-lhe um resplendor, como o dos bemaventurados.

— Deixa o sol indicios do seu trajecto na atmosphera aquecida, deixa a flor mirrada o despido tronco no chão; em toda a parte encontro vestigios de galas no lucto, de prazeres onde já os não ha; porém sobre a minha face ninguem descobrirá o mais leve traço d'uma alegria passada.... É porque nunca as provou o meu pobre coração!

E dos olhos do mancebo rompia um iris de luz, que parecia querer queimar as lividas faces do eremita, que em pé ante elle, e de braços cruzados o contemplava á luz do candeu, que crepitava, projectando tremulos clarões e sombras informes nas paredes do eremiterio.

— Expulso do ceo pelo tufão da desgraça, atravesso a vida com rapidez e ao acaso. Até a esperança, esse astro de beneficos reflexos, que nunca deixa de vir compassiva acariciar-nos o coração, até essa mesma se esquiva aos meus desejos!

E na expressão do mancebo denunciava-se um tão fundo pesar, uma tão viva desesperação, que aos olhos do velho acudiram d'essas lagrimas, que, muito preciosas para se mostrarem, muito altivas para descerem, costumam recair sobre o coração, que as bebe a gole e gole, e como doendo-se do seu amargor.

— As muralhas d'esta vivenda são em demasia estreitas, são mui pesada mortalha para mim, tão cheio de ambição e ardor.

— E assim me abandonarás?!

— Não será sem lagrimas que o farei; foi debaixo d'este tecto, que minha infancia se abrigou, foi n'este recinto que em vós achei sempre um pae.... Mas não sei que estranhos desejos me impellem, não sei que idéas me fuzilam no cerebro; quereria ver campos mais vastos, mares, combates.

— E queres-te expor?

— E quero amar: é com a mulher que eu principalmente sonho.

— Desgraçado! Foi o amor que me perdeu!

O mancebo encarou-o pasmado. Ligeiro estremecimento sacudiu o velho; um rubor repentino lhe incendiou o rosto, e seus olhos cerraram-se, como para se esquivarem a uma visão horrivel e pungente.

— Desconfio de vós! Tanta magestade desmente o eremita.

E logo, como para certificar uma suspeita, o mancebo acercando-se, tomou-lhe as mãos, e cravando nos d'elle os olhos, exclamou arrebatadamente:

— Em nome do que maior apreço vos merece, dizei-me quem sois?

— Ninguem: — respondeu o eremita, depois de hesitar um momento, recahindo na sua humildade, e intima resignação.

O mancebo recuou examinando-o severamente, e como se cobrasse alentos para nova investida, proseguiu:

— Estareis hoje disposto a contar a minha historia, ou ainda recusareis?

— Uma vez que tencionas partir, não t'a devo occultar mais. Vou contart'a

Porém ruido confuso se aproximava: estrepito de cavallos, tinir d'armas, affrontas e gritos penetrantes attrahiram a attenção de ambos. Alguem luctava ao pé do eremiterio, alguem pedia soccorro....

O mancebo deitou mão a um enorme machado, abriu a porta e saltou para o campo.

VIII.

Ao debil e tremulo fuzilar das estrellas resplandeciam martinetes e crescentes de prata, brilhavam punhaes e alfanges, que rapidos se descarregavam, arrancando gemidos dos feridos, e faiscas das armaduras de aço. Os cavallos caracolavam e resfolgavam a custo; e os cavalleiros, enfurecidos e allucinados, menos curavam de se defender, do que ferir.

Blasphemias, sarcasmos, doestos e gemidos rebentavam d'entre aquelles vultos negros, que se chocavam e se repelliam, se ennovellavam e mordiam furiosos.

No meio d'elles divisava-se uma figura envolta em brancos véos, cavalgando obediente corsel; dir-se-hia ser o anjo da indulgencia pedindo paz aos combatentes. Aquelle vulto girava, rodava e se introduzia no mais travado da briga como para aparar golpes ou implorar misericordia: assim vemos no estio, com a briza da tarde, voltejar doudejante o delicado jasmim no meio d'um redemoinho de folhas sêccas.

Porém eis que para o centro d'este emmaranhado combate de subito se arroja um desconhecido: por cima da cabeça relampagueia um ferro, que abre largo circulo, e derruba corpos e cabeças, que cáem amaldiçoando-o. Já para alli foge a toda a brida um ginete sem cavalleiro, já aqui pedem compaixão e vida.

Todos debandaram, á excepção d'um; digo d'um, porque a figura branca, a virgem, já não poderia escapar-se dos braços de Hidelberto, que a conduzia desmaiada.

O unico combatente, que permaneceu firme, apeou-se e seguiu o mancebo; mas, extenuado pela fadiga e perda de sangue, mal assentou o pé no lumiar do eremiterio, cambaleou e caiu.

IX.

Junto a um tosco leito de feno e lã, sobre o qual gemia e soluçava um enfermo, estava de pé o eremita, tremulo e enfiado: com os olhos parecia querer introduzir-se no coração d'aquelle musulmano, como se irresoluto e duvidoso estivesse derrubando como inverosimeis todos os indicios que lhe suggeriam as recordações sombrias, que mão grado seu o pungiam e fascinavam.

Em seu gesto tão depressa transluzia aversão e horror, com tristeza e dó: é porque, em quanto as feições do seu hospede lhe afiguravam um inimigo, os gemidos, que lhe ouvia, lhe lembravam um moribundo.

E depois, tinha elle certeza, sentia elle mais que vago presentimento?

De repente o ferido estremece, murmura alguns sons inarticulados, abre os olhos, e crava-os no ancião com um rancor febril e immovel. O ermitão soltou um grito, empallideceu e recuou: quando o

doente lhe estendeu a mão, já elle, espavorido e precipitado, havia fugido, como se o perseguisse um espectro implacavel.

É que na pessoa do enfermo reconhecêra o conde Julião.

(Continúa).

J. G. DOS SANTOS LIMA.

EGREJA DE S. JOÃO EM TUNBRIDGE-WELLS.

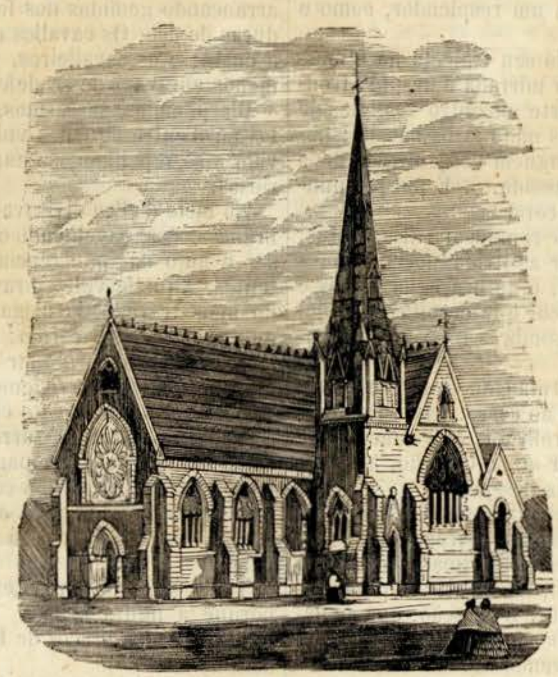
A nossa gravura representa um elegantissimo specimen do estilo de architectura adoptado modernamente em Inglaterra na construcção dos templos.

Os architectos inglezes pozeram de parte o estilo greco-romano que predomina nas egrejas catholicas, preferindo a architectura normanda ou saxonica, que em pouco differe da que nós chamâmos gothica, de que aliás na Inglaterra se encontram magestosos monumentos. E na realidade achamos mui justificada e racional a preferencia, quando se trata de edificios destinados ao culto religioso.

A egreja de S. João, em Tunbridge-wells, foi levantada pelo risco do architecto A. Gough, natural de Londres, e já altamente conceituado pelo seu delicado gosto e vastos conhecimentos artisticos; tem a fórma de uma cruz, e é feita toda de pedra e tijolo.

Como todos os templos protestantes, a egreja de S. João tem uma só nave, medindo 82 pés de comprimento e 24 pés de largura. No cruzeiro esta largura é de 48 pés. A altura da airosa torre excede de 86 pés. Póde receber a egreja de S. João até 500 pessoas com commodidade.

Do mesmo modo que a maior parte das grandes obras que maravilham o for s iro, tornando a Inglaterra um paiz verdadeir ente excepcional, este



Egreja de S. João em Tunbridge-Wells.

templo foi edificado a expensas de uma sociedade, que ainda projecta mandar construir outros similhantes em varias propriedades que tem adquirido.

O espirito de associação, bem ao revez do que acontece entre nós, tem lançado profundas raizes no solo britannico. Nem só para emprezas mercantis ou de viação se encontram alli capitaes em abundancia; ao principio fecundo da associação, dirigido rasgada e intelligentemente, se devem tambem os immensos institutos, já destinados á instrucção, já consagrados ao allivio das classes laboriosas, que honram e elevam o caracter do povo inglez; e d'ahi provém o admiravel desenvolvimento d'aquella grande nação.

P.

CÃES SEPULTURAS.

No Thibet ha quatro modos de consumir os cadaveres. Queimando-os, lançando-os nos rios e lagos, expondo-os no cume das montanhas, ou cortando-os em pedaços e dando-os a comer aos cães. Esta ultima maneira é a mais commum e honrosa. Os pobres tem por tumulos cães vagabundos, e para mausuleos dos ricos, sustentam-se de proposito, nas *lamasarias*, ou conventos publicos, catervas de *cães sagrados*.

Ha no Thibet enorme quantidade de cães, porque os habitantes estimam e respeitam muito estes animaes, pelo uso que d'elles fazem para sepulturas ambulantes.

C.

Explicaçao do enigma do numero antecedente.

Em estes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros porque Deus fôra vendido;
Escrevendo a memoria em varia tinta,
D'aquelles de quem foi favorecido.
Em cada um dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido;
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

Lusiadas Canto 3.º—24.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B.